

Todo desporto coletivo, além de educativo, requer dos seus dirigentes profundo conhecimento da ciência das relações humanas.

Existe uma grande preocupação pela orientação das massas humanas e o domínio absoluto dos problemas que o convívio cria, para que sejam tomadas as soluções que facilitem e fomentem esse convívio nas melhores condições.

Não se concebe a vida isolada do indivíduo na sociedade e o desporto é um meio que muito contribui para que ninguém se refugie nessa situação por se sentir desajustado. Todavia, o desporto nem sempre pode cumprir, cabalmente, a sua missão por falta de indivíduos devidamente formados para o dirigirem. Muitas vezes surgem situações que não se sabe encarar porque falta a formação que deveria ter sido desenvolvida no berço e nos bancos escolares.

O mundo sempre evoluiu, mas porque esse fenômeno não foi devidamente acompanhado?

Se as relações humanas, no mais alto nível, se encontram num estado caótico, pode esperar-se que o desporto esteja melhor?

O desporto é uma das atividades humanas por onde, também, se tem de iniciar a educação dos povos. E é necessário aproveitar e fomentar a sedução dos jovens para os tornarem os homens de amanhã, saudáveis física e moralmente.

Através de uma educação metódica e racional todos podem obter da psicologia uma noção segura, contudo, só os que tenham larga visão poderão ser orientadores da juventude. Essa faculdade, embora não se crie, se desenvolve em quem nasceu com ela.

Todos os homens de boa vontade têm lugar na grande obra que se deve realizar, bastando colocá-los no lugar mais apropriado.

E após trabalho árduo, mas dignificante, cheio de alegrias, desilusões, in-

# As relações humanas no desporto coletivo

Montado e organizado pelo

Ten Cel CAMERINO (EsEFEx)

gratidões e fracassos há de chegar-se a bom termo... Quando os homens quiserem!!!

Os verdadeiros desportistas têm que colocar acima de tudo o ideal desportivo, fazendo da escola e do clube os meios para alcançar esse fim e considerando a vitória a consequência lógica duma saudável preparação física e moral.

Tem que fazer das fraquezas uma força para se manter ativo, clarividente, modesto, cortês, capaz de se sacrificar pelo ideal que serve, enfim, revelar, em todos os seus atos, o espírito de verdadeiro desportista.

Porém, todos os sacrifícios têm limites.

O amor pelo desporto não deve levar ninguém a sacrificar a sua própria família e a não prestar a devida assistência aos seus deveres profissionais. Os desportistas não são máquinas, são homens com alma.

Nem mesmo aos profissionais dos desportos se pode exigir o sacrifício dos sagrados deveres familiares.

O desportista tem que ter um espírito são, em todos os aspectos.

De dirigentes assim — embora não tenham recebido na juventude a formação que devem fomentar — forçosamente que hão de sair filhos capazes de continuar a obra — que nunca se concluirá por ter de evoluir permanentemente.

O dirigente tem que revelar aos seus pupilos toda a sua personalidade a fim de servir de exemplo e criar o indispensável ambiente de camaradagem sadia, para que o jovem, revelando-se, francamente, e abrindo o seu espírito, possa ser devidamente orientado.

Cada indivíduo tem a sua personalidade própria que, embora tendo que se enquadrar no meio ambiente, tem que ser respeitada.

A sabedoria está em aproveitar cada um, tal como é, desenvolvê-lo fisicamente, formá-lo de acordo com o padrão da nossa civilização e atribuir-lhe a função que melhor possa desempenhar.

Esta breve dissertação sobre "*Relações Humanas*", nada mais representa que o grito do indivíduo consciente da situação e chamando a atenção dos responsáveis pelo processamento do desporto.

A juventude sempre foi aquilo que os adultos fizeram dela!

Que medite bem o dirigente-treinador, diretor, preparador físico, árbitro — enfim, todos os que contactam com os jovens — para que a juventude possa ser devidamente orientada.

## A PSICOLOGIA EXPERIMENTAL DA ARBITRAGEM

"A psicologia é uma ciência difícil que pode ser encarada sob um enfoque individual ou coletivo. E este último aspecto é muito importante porque como se sabe, a "*sociedade*" pode influenciar o comportamento psicológico do indivíduo.



O último fenômeno explica-se pelos seguintes exemplos:

- a exuberância e os excessos da multidão;
- as depressões e os entusiasmos, em face de situações ou condições.

Pode-se, então, estabelecer que o aspecto psicológico da arbitragem consiste em *estudar o comportamento mental do "meio" em que decorre o jogo, e determinar a conduta conveniente.*

Mas este "meio" tem um comportamento mental que se repete tantas vezes, que é possível preparar e definir uma linha de conduta para resolver o problema, cuja importância, que não escapa a ninguém, é sempre suficiente para que os maiores conhecedores das regras do jogo e da técnica de arbitragem cumpram, só muito imperfeitamente, a sua missão de árbitro.

Qualquer que seja a precisão das linhas traçadas, este aspecto da arbitragem requer um trabalho constante devido à extrema variabilidade dos elementos que podem perturbar, a todo momento, as *bases fundamentais.*

Os *elementos essenciais do meio*, são seis:

- o árbitro.
- seus auxiliares.
- os jogadores.
- os dirigentes.
- os jornalistas.
- o público.

É evidente que estes seis elementos se perturbam entre si em proporções variáveis e a função do árbitro é, entre outras, servir de catalisador destes diferentes comportamentos derivados de processos influenciados, permanentemente, por choques mentais inconscientes. É esta função de catalisador psicológico que faz com que se diga, corretamente, que o árbitro é o "*diretor do jogo*", e é da maneira como se desempenha dessa função que dependem: o melhor ou pior desenrolar do jogo e valor técnico e desportivo do jogo.

Em relação aos jogadores, o árbitro deve ser *compreensivo e humano* mas decidido a cumprir a sua missão e *assegurar a integridade do encontro* no qual os jogadores empenham o máximo da sua própria personalidade.

Deve ter a consciência de que representa, no empenho de cada participante, o elemento de *equilíbrio dotado de amplos poderes* de que ele deve servir-se com *prudência e oportunidade*, na medida exata das circunstâncias que lhe permitam reprimir a excitação inevitável da disputa. É necessário, portanto, que se apresente em plena posse dos seus recursos, consciente da dignidade dos outros, assim como da sua própria, sem receios, mas sem despotis-



mo nem idéias preconcebidas sobre os outros e ele próprio.

Em relação aos dirigentes, deve adotar a maior dignidade. Os dirigentes são indivíduos que, como ele, fazem sacrifícios e para quem um encontro é sempre uma prova a viver. São indivíduos que trabalham para o desporto, o que os torna credores de consideração. Em face disto, como para com os jogadores, deve na verdade, impor-se, mas, principalmente, pela *cortesia, dignidade e isenção.*

Em relação aos jornalistas, deve saber que eles são os críticos como existem em todas as atividades (política, econômica, artística etc...).

Só reforçará a sua força psicológica reconhecendo que eles são indivíduos que exercem uma profissão muitas vezes útil ao desporto, pelo que são credores de consideração que não se justifica certamente, por qualquer concessão publicitária nem por atitudes reservadas ou antecipada desconfiança.

Em relação ao público, deve, com todo o conhecimento de causa, prever que o desenrolar do jogo pode provocar reações muitas vezes sem objetividade, quer por imparcialidade, quer por ignorância das regras. Deve mesmo não se esquecer que há indivíduos que aproveitam um jogo para dar livre curso à sua exuberância.

Consciente de tudo isto, o árbitro deve mostrar autoridade *absoluta e serenidade* e tão isenta de moleza como de toda a agressividade permanente.

## CAUSAS E EFEITOS

Sabe-se que a todo trabalho cerebral corresponde um estado psíquico diferente, pela mesma razão que todas as modificações do estado psicológico perturba esse mesmo estado psíquico. Isto quer dizer que durante um jogo o esforço de cada participante vai modificando o seu estado psíquico, complicando, igualmente, o **problema psicológico** que ele impõe a si próprio e aos outros.

Assim, o **esforço**, a **fadiga** e a **tensão** são elementos perturbadores do problema **psicológico**.

De se juntar a isto o fenômeno derivado da coletivação dos problemas psicológicos (consequência da reunião de indivíduos com os mesmos propósitos), imagine-se que dificuldades poderão nortear o encontro. Por isso, o aspecto psicológico da arbitragem é um permanente **conhecimento dos fenômenos**, para os julgar e dominar.

De tudo isso, conclui-se que: a importância do encontro; a intensidade

da luta; a ânsia pelo resultado; o orgulho pessoal; o caráter de cada indivíduo; o estado de saúde; o desgaste físico devido ao jogo; o barulho e as manifestações de simpatia, ou de antipatia, são elementos perturbadores que o **árbitro deve esforçar-se por: conhecer; prever; compreender; dominar e reprimir.**

*Cinco elementos básicos de atitude psicológica do árbitro, quer se trate dele próprio, quer dos outros elementos e das suas interferências.*

## O ÁRBITRO

Aquele que dirime questões por acordo das partes litigantes; aquele que dirige um jogo ou prova esportiva com direito de decisão quanto ao seu desenvolvimento ou aos fatos disciplinares.

O indivíduo para ser árbitro, digno desse nome, tem que, sobretudo, ter uma *forte personalidade moral, estar enquadrado perfeitamente na sociedade e gozar do maior prestígio como cidadão, chefe de família, profissional e samarada.*

Tem que ter espírito francamente aberto e perspicaz, a *mais elevada noção de relações humanas, idoneidade e a indispensável compleição física.*

Depois, tem que estar plenamente integrado no espírito do jogo, isto é, no pensamento do seu criador, para que possa *interpretar devidamente as regras que o mantêm inalterável através dos tempos, por meio das regulares adaptações à evolução da técnica, tornando o jogo uma permanente manifestação de jovialidade e de amor ao próximo.*

É, pois, o indivíduo *bem formado na mais alta aceção do termo, que se deve dedicar à arbitragem.*

O indivíduo convencido de que pode vir a ocupar, satisfatoriamente, um lugar na arbitragem principia por estudar, gradualmente, as regras do jogo até a *dominar nos pormenores, preparar-se fisicamente para cumprir com as exigências da técnica e treinar-se assiduamente na aplicação das regras.*

Embora os *árbitros excepcionais* tenham nascido fadados para tão elevada função, pode atingir-se *categoria razoável* com dedicação. De qualquer modo, são indispensáveis o *interesse, o estudo e o treino metódico.*

O árbitro tem que estar atento à evolução do jogo e das regras, para se encontrar sempre inteiramente atualizado e dominando com segurança as causas dos progressos para poder julgar os seus efeitos com critério esclarecido.



## FORMAÇÃO PSICOLÓGICA DOS ÁRBITROS

“O árbitro deve conhecer-se a si próprio”. Com efeito, para ser árbitro, o indivíduo deve ser dotado de um **perfil moral bem conhecido:**

- Espírito puro.
- Respeito pela dignidade dos outros e pela própria.
- Coragem.
- Cortesia.
- Justiça.
- Calma.
- Auto-domínio (equilíbrio emocional).
- Modéstia, etc.

Por mais equilibrado que seja o indivíduo, é indubitável que ninguém tem todas essas qualidades, no mesmo grau. É necessário, portanto, que quem se consagra à arbitragem se estude, atentamente, para burilar a sua personalidade natural.

Por outro lado, o árbitro deve tentar ser sempre igual a si próprio na sua formação psicológica, pois a **sua personalidade pode ser alterada por elementos perturbadores**, tais como: estado de saúde, preocupações de ordem particular e apreensão.

Portanto, é necessário que, conhecendo-se bem, tenha a franqueza, consigo próprio, de levar em conta esses fenômenos essenciais para os *dominar e reprimir* os seus efeitos.

Em relação aos seus auxiliares, o árbitro nunca deve esquecer-se que as personalidades destes podem manifestar-se diferentemente da sua, e que, em presença dos mesmos fatos, podem ter reações diferentes.

Deve, portanto, procurar compreender ou “adivinhar” as reações de seus colegas a fim de agir em complemento ou em compensação dele.

A equipe de arbitragem deve constituir um todo psicológico. Isto elimina,

absolutamente, os *comportamentos individualistas* que não representam *mais que divergências* que os jogadores e espectadores não demoram a descobrir e, logo depois, explorar.

O árbitro deve, pois, diligenciar para trazer o colega ao seu nível de confiança e de resolução e ampará-lo, permanente e eficazmente. E na arbitragem os melhores estão mais sujeitos ao revés que os mais fracos, por outras razões...

## COMPORTAMENTO DO ÁRBITRO

Conhecidas as diversas causas, definir o comportamento do árbitro consiste em traçar uma regra de atitudes práticas para identificar essas causas e estabelecer, conseqüentemente, uma relação entre ele e os diversos elementos do jogo.

Deve apresentar-se perante os dirigentes jornalistas e os colegas perfeitamente conhecedor dos problemas, das suas personalidades respectivas e das suas preocupações.

Antes e depois do jogo, deve adotar uma atitude de *compreensão discreta e reservada*, demonstrando impressão de firmeza e calma objetiva.

Mas o mais difícil é, incontestavelmente o jogo propriamente dito.

Em primeiro lugar, é necessário ter em muito boa conta a importância do equipamento. Evidentemente que “o hábito não faz o monge”, mas um vestuário correto confere, antecipadamente uma classe e uma dignidade que impõem o árbitro a todos os participantes no jogo.

Outro elemento importante do comportamento psicológico: O “silvo do apito” do árbitro pode dar a impressão de agressividade ou de insegurança. Ora, não é necessário nem uma, nem outra coisa.

Pelo que respeita à arbitragem, é quase possível dizer-se: "Diz-me como apítas, que te direi quem tu és". O silvo do apito é um dos modos de expressão a que ele deve dar certa eloquência como um orador o dá à palavra.

As malditas "apitadelas" são tão ridículas como irritantes. E as malditas apitadelas "tímidas e hesitantes" têm a semelhança chocante com o ciciar duma exposição tímida e pouco segura dos seus argumentos.

É necessário que "os silvos de apito" sejam nítidos e de acordo com as circunstâncias (enérgico ou apagado, segundo o ritmo da ação). Mas em todos os casos, deve ser inflexível. Diz-se que, em todos os casos, a "apitadela" deve "paralisar" os jogadores e a ação do jogo. Ao árbitro, depois de intervir assim, resta fazer conhecer a sua decisão e as suas conseqüências. É um dos comportamentos psicológicos mais importantes, porque os jogadores têm necessidade de saber o que o árbitro assinalou e qual a sanção aplicada. Os dirigentes, o público e os jornalistas devem ser, igualmente, informados do mesmo modo, e, finalmente, os auxiliares. Por sua vez os juizes da mesa, têm um certo número de atos a observar.

Ora, não há maior motivo para confusão ou desordem do que a incompreensão da decisão tomada.

Os auxiliares hesitam sobre o que devem fazer.

O público forma várias opiniões.

A mesa pede a individualização da decisão.

Os jogadores, mais ou menos conscientes, procuram aproveitar-se da confusão.

O árbitro para fazer conhecer a sua decisão pode, bem entendido, usar de palavras, mas não é aconselhável por-

que se o fizesse contribuiria para o aumento da algazarra, dos "hurras" e "gestos" no que prejudicaria a sua dignidade e a sua eficiência.

Deve habituar-se a usar os gestos definidos no Código do Jogo. Usando gestos pessoais, não se faz compreender e não presta os esclarecimentos indispensáveis. E, muito menos, procurar imitar os gestos dos jogadores, muitas vezes seria impossível e é sempre ridículo.

Quando um "silvo de apito" interrompe o jogo, os gestos devem ser: *calmos, corteses, firmes, apropriados e bem visíveis por todos os interessados.*

Eliminar os gestos *bruscos, nervosos, tão rápidos* que mal se vêem, e *confusos* que dão a impressão de *incerteza e embaraço.*

Enfim, diz-se que o árbitro deve fazer-se compreender tal como se usasse de palavras, com clareza e sem nervosismo, mas sem lentidão excessiva. Com efeito, o árbitro é o condutor do jogo e deve diligenciar para que se processe dentro das regras e do seu espírito, pelo que não pode permitir aos participantes que as infringjam. Deve, em todas as circunstâncias, agir de modo a que o jogo se processe normalmente, não fazendo de si a *figura principal do espectáculo.*

É especialmente, por esta razão que o árbitro deve ter sempre bem presentes os elementos técnicos definidos anteriormente. É, psicologicamente, importante que se integre no jogo. Este é o meio mais seguro de fazer compreender que o árbitro não se encontra do outro lado duma barreira imaginária, mas bem no centro dum conjunto que pratica o desporto de que ele é um elemento importante e indispensável.

Os participantes são sempre feridos pela impressão da presença física do

árbitro no local da ocorrência onde ele intervém. Nada é mais prejudicial do que as intervenções feitas a grandes distâncias como a custo, e as funções exercidas com desinteresse... como de má vontade.

A arbitragem é uma ciência em que, como em todas as ciências não se pode atingir perfeição sem trabalho contínuo e metódico. Este trabalho não é realizável senão por meio de um treino lógico a fim de se terem sempre bem presentes os conhecimentos e as qualidades do árbitro para lhe proporcionar, tanto como aos jogadores, a plena posse das suas faculdades com vista à competição, isto é, ao jogo a dirigir. Pode dizer-se que o plano de treino do árbitro deve visar dois objetivos parcialmente distintos: manter o *grau de competência* — que se classifica de *FORMA*, e proporcionar o melhor das suas possibilidades no momento do jogo — que se classifica de *PREPARAÇÃO*.

A *forma* é o conjunto das atividades pelas quais o árbitro conserva os seus conhecimentos em função de: evolução das regras; evolução técnica e tática do jogo, e necessidades da arbitragem, criadas por uma ou por outra destas evoluções.

Não é vocação e os conhecimentos adquiridos pela obtenção de um título não bastam para sempre. O médico, o advogado, o engenheiro, por exemplo, mantêm-se, permanentemente, ao corrente da evolução das ciências que modifica o seus conhecimentos, cuja ignorância comprometeria a sua competência. E não pode ser de outro modo para o árbitro.

É importante ter sempre a consciência de que o progresso que se verifica todos os dias em todos os aspectos não resulta da aparição brusca duma idéia, mas sempre duma série de



progressos e da sua explanação sucessiva, sendo, também, conveniente conhecerem-se os antecedentes para se compreender melhor a situação presente.

A *preparação* é o conjunto de atividades por meio das quais o árbitro se habilita a utilizar, no momento próprio, a competência que conseguiu.

Na verdade, em todos os momentos da sua carreira, deve dirigir jogos no decorrer dos quais tem de utilizar todos os conhecimentos adquiridos — isto sem prever aqueles que lhe falte adquirir, eventualmente, da mesma maneira que um jogador deve disputar jogos, mesmo se a sua bagagem técnica ainda for, relativamente, incompleta. E, tal como o jogador, ele deve dirigir jogos de competição usando o máximo de suas possibilidades: é o que se chama *estar em forma*.

Pelo exposto, conclui-se que o trabalho do árbitro **tem dois objetivos**: a *forma*, que se alcança por meio dum trabalho contínuo e independente da atividade em campo, e a *preparação*, que se tem, ao contrário, em função direta da atividade em campo, e é, por conseguinte, um trabalho de caráter alternado.

Posto isto, é conveniente acrescentar que estas preocupações conjugadas

proporcionarão ao oficial a posição desejada, que é o **APERFEIÇOAMENTO**.

**É, com efeito, a análise dos jogos arbitrados, a orientação conseqüente dos treinos e a síntese do trabalho que, não só permitem ao árbitro atualizar-se mas, ainda, aperfeiçoar-se.** Por outro lado, é praticamente, impossível atualizar-se sem se aperfeiçoar, porque é uma verdade quando se diz: quem não avança, recua, e se, em relação a uma modalidade, cuja técnica está em constante evolução, o árbitro não fizer por se manter ao nível necessário, será, inevitavelmente, ultrapassado depois de algum tempo mal aproveitado.

De tudo que se disse, deduz-se, facilmente, que a psicologia do árbitro não é uma faculdade simples, exigindo-lhe grande esforço para adquirir em alto grau.

É indispensável que seja o condutor absoluto do jogo mas quem diz "condutor", não diz "tirano".

E, assim, "a mão de ferro dentro duma luva de veludo", não é mais que uma imagem; a perfeição, se é possível atingi-la, exige que este axioma seja aplicado, permanentemente, em *nome da simplicidade* — que é o *apanágio dos homens de valor*.

